

**Os relatos de viagem de Aniko Villalba: uma possibilidade de olhar para a (re)construção identitária da mulher que viaja sozinha****Aniko Villalba's travelogues: An opportunity to examine the (re)construction of identity in the solo female traveler****Carla Priori da Silva  
Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves**

**RESUMO:** Este trabalho, que promove diálogos entre a mobilidade feminina e a literatura, traz uma possibilidade de olhar para a (re)construção identitária da mulher que viaja sozinha, através da análise crítica dos relatos de viagem da escritora argentina Aniko Villalba na obra *Días de viaje* (2013). O objetivo deste artigo foi analisar como uma mulher escritora, que viaja sozinha, propõe, em seus relatos de viagem autobiográficos, uma expressão feminina do deslocamento capaz de apontar para a produção de novas identidades para a mulher e, por consequência, graças à mobilidade ela ser capaz de promover um encontro consigo mesma em um processo de autodescoberta. Como aporte teórico, utilizou-se conceitos de Hall (2003), Lobo (1996), Pimentel (2001), Zolin (2009), entre outros. Empregando-se a metodologia de pesquisa qualitativa, buscou-se trabalhar criticamente, nos discursos recortados ao longo do livro, os excertos representativos das expressões que correspondem ao foco deste estudo. Como resultado das análises, constatou-se que o relato do que a viajera aprendeu através de sua mobilidade é muito recorrente nas crônicas do livro. Conclui-se que ela constrói um eixo central, que é o olhar da autodescoberta, de como sua identidade vai se construindo ao longo das viagens.

**Palavras-chave:** Relatos de viagem. Mulheres. Aniko Villalba. Viajar sozinha. Identidade.

**ABSTRACT:** This study, fostering dialogues between female mobility and literature, offers a perspective on the (re)construction of identity in the solo female traveler through a critical analysis of the travelogues of Argentine writer Aniko Villalba in her work *Días de viaje* (2013). The objective of this article was to analyze how a woman writer, traveling alone, proposes, in her autobiographical travelogues, a feminine expression of displacement capable of pointing to the production of new identities for women and, consequently, through mobility, she is able to promote an encounter with herself in a process of self-discovery. As a theoretical framework, concepts of Hall (2003), Lobo (1996), Pimentel (2001), Zolin (2009), among others, were used. Employing qualitative research methodology, a critical analysis of excerpts representative of the expressions that correspond to the focus of this study was carried out in the discourses throughout the book. As a result of the analyses, it was found that the narrative of what the traveler learned through her mobility is very recurrent in the book's chronicles. It is concluded that she constructs a central axis, which is the gaze of self-discovery, of how her identity is constructed throughout her travels.

**Keywords:** Travelogues. Women. Aniko Villalba. Solo female travel. Identity.

**Ponto de partida: contextualização**

Historicamente, as mulheres são relegadas a um status quo que as mantém excluídas do poder decisório, subordinadas ao sistema patriarcal que cala a sua voz. Fato que influenciou, de alguma forma, no (não)aparecimento e/ou silenciamento feminino, sobretudo no contexto enunciativo da Literatura de Viagem.

Em consonância com o exposto por Nuria Cortés (2007), podemos declarar que o número de mulheres que viajam sozinhas aumenta cada vez mais. Inclusive, a autora pontua que, graças às conquistas alcançadas ao longo do tempo, atualmente não existem mais tantas barreiras culturais e/ou sociais que impeçam a mobilidade feminina, como ocorria em séculos passados. Assim, desvendando novas culturas, as *viajeras*<sup>1</sup> conseguem alcançar aspectos da vida que passam despercebidos para quem nunca saiu do lugar. Em vista disso, avaliamos que as escritoras oriundas da América Latina que embarcam nessas aventuras encontram na publicação de livros de relatos de viagem uma possibilidade de efetivarem um gesto político, feminista e pós-colonial ao demarcarem novos espaços geográficos e literários para a mulher latino-americana na sociedade contemporânea.

Com a pesquisa que aqui apresentamos, temos a intenção de ressaltar a produção literária feminina no contexto enunciativo da mobilidade, redefinindo e ampliando visões sobre *viajeras* que redigem sua própria história. Consideramos que este artigo dará consistência a possíveis estudos existentes no âmbito da mobilidade e da construção da identidade feminina, trará contribuições para questões debatidas pela crítica literária feminista, além de aprofundar os estudos da Literatura de Viagem, trazendo uma fortuna crítica sobre o olhar e a escrita feminina neste universo que se consagrou como masculino.

Consideramos que o momento histórico atual não está mais tão permeado pela rigidez de uma moral restritiva e patriarcal como esteve durante séculos. Além disso, percebemos que a mulher latino-americana já deu os primeiros passos na conquista de seu lugar no mundo intelectual. Nessa nova história, as mulheres e suas ações vêm transformando estruturas que estavam, há muito tempo, cristalizadas, porém, as consequências do processo vivenciado no passado ainda são sentidas. Por essa razão, a opção de analisar textos a respeito de viagens femininas é uma forma de pensar como, contemporaneamente, escritoras latino-americanas veem sua própria condição, haja vista considerarmos que viajar sozinha ocupa um relevante papel na promoção do

---

<sup>1</sup> O termo “viajera” é oriundo da língua espanhola e faz referência, entre outras acepções, à mulher que viaja. Seu equivalente em português seria o termo “viajante”. Como regra gramatical do nosso idioma, palavras terminadas com o sufixo -nte, geralmente dispõem de uma única forma para os dois gêneros, ou seja, não ocorre flexão para o feminino como no vocábulo em espanhol. Diante disso, consideramos necessário efetivar um ato político de utilizar o termo em língua espanhola todas as vezes que estivermos fazendo referência à mulher viajante.

autoconhecimento e na ampliação dos horizontes tanto físicos quanto mentais das *viajeras*.

Para compor o escopo desta pesquisa recorremos a um livro de relatos de viagem, da escritora argentina Aniko Villalba. Nascida em Buenos Aires, em 1985, a escritora é autora de blogs, livros e diários interativos de viagem<sup>2</sup>. Em 2008, depois de ter terminado a faculdade de Comunicação Social, começou sua vida de viajera solo e até 2018 viveu viajando e narrando, antes mesmo da publicação dos livros, suas experiências em países da América, Ásia, Europa e África em seu blog *Viajando por ahí*; criado em 2010.

A obra selecionada, para ilustrar o ponto de vista abordado por essa representante feminina da recente geração da literatura latino-americana, é *Días de viaje: Relatos en primera persona* (2013), o livro que inaugura sua produção literária e é uma publicação independente, difundida por fora do circuito editorial tradicional. É um compilado de histórias de seus primeiros cinco anos viajando quase ininterruptamente. Consideramos que nele a escritora busca derrubar os preconceitos que possam existir a respeito dessa forma de viajar, motivar outras mulheres a também se animarem a realizar não somente viagens solo, mas também todos os seus sonhos.

*Días de viaje* (2013) não é um livro técnico, um guia de viagem com dicas e ensinamentos que uma pessoa precisa para viajar a algum destino. Não traz, por exemplo, detalhes como tarifas, seguros de viagem, itens essenciais para levar na mala, lugares para (não) visitar. Isso quer dizer que Aniko também não ilustra lugares clichês, dentro do circuito turístico tradicional, aqueles destinos obrigatórios de viagem. Sem

---

<sup>2</sup> No que concerne à sua produção autoral, *Días de viaje. Relatos en primera persona* (2013) é seu primeiro livro, no qual a autora pretende inspirar outras mulheres a partirem em viagens solitárias. Publicado em 2016, seu segundo livro, *El síndrome de París*, consiste em narrativas de viagem que mostram o lado B de viver viajando, além de uma história de amor. Também é autora do livro *Mapa subjetivo de viaje. Un diario para documentar lo cotidiano y lo extraordinario de tus viajes* (2017), um livro que, em realidade, é um diário com instruções criativas para que o leitor vá completando durante uma viagem. E, por fim, o mais recente, *Usted está aquí* (2019), no qual a autora reúne relatos dos seus dez anos viajando pelo mundo, além de espaços para que o leitor complete durante suas viagens, como forma de documentar o que viu, pensou e sentiu. A autora expõe, em uma rede social, que, à exceção do Mapa subjetivo de viaje, em que não faz relatos de suas viagens, os outros três são livros que se complementam porque narram seus deslocamentos ao redor do planeta. Nossa enfoque será em *Días de Viaje* (2013), o primeiro da trilogia. No blog, *Viajando por ahí* <<https://viajandoporahi.com/>>, espaço criado em 2010, Aniko publica textos e fotos de suas experiências como viajera solo, além de conselhos para outras mulheres que queiram se aventurar fora de casa. Em seu outro ciberespaço, *Escribir.me* <<https://www.escribir.me/aniko-villalba/>>, que é dedicado à escrita e por meio do qual ministra oficinas presenciais e on-line de escrita criativa, Aniko objetiva ajudar as pessoas a escreverem mais e melhor, porque se sente tão bem escrevendo, que está convencida de que todos são capazes do ato.

embargo, tampouco está restrita à clássica estrutura dos relatos de viagem de descrever fatos, lugares, pessoas, etc.. Viajar, nas palavras de Villalba (2013, p. 345):

É mudar de realidade, abrir a mente, conhecer, ir em busca de, encontrar, extra ambientar-se, olhar-se bem de longe, olhar-se bem de perto, caminhar, correr, navegar, flutuar, voar, subir, cair, odiar, amar, chorar, romper, reconstruir, armar e desarmar, escrever, ler, conectar-se com, conectar-se a, chegar, não chegar, desejar nunca chegar, desejar nunca voltar (tradução nossa<sup>3</sup>).

Assim, defendemos que a autora aborda o autoconhecimento que a viagem traz, principalmente quando se viaja sozinha, e, por meio de suas histórias narradas na obra, convida-nos a tomar um chá com cinco mulheres chinesas, a navegar pelo Caribe em meio a uma tempestade de raios, a conhecer o Saara em companhia de nômades, a participarmos do dia em que descobriu que viajar não é o mesmo que tirar férias. Também tomamos conhecimento do dia em que dependeu do policial mais estranho que já havia visto na vida para recuperar seu notebook e sua câmera fotográfica roubados, do quanto é ruim (ou não) ficar doente estando a milhares de quilômetros de casa, de quando começou a colecionar cartas de baralho abandonadas, que se apaixonou por uma cidade, que sofreu de depressão pós-viagem, entre tantas outras aventuras.

Ainda que venha sendo amplamente explorado nos dias atuais, inegavelmente, o conceito de identidade segue como um importante elemento de fomentação de pesquisas dentro da perspectiva dos Estudos Culturais. Por este motivo, julgamos oportuno apresentar os resultados da análise do corpus escolhido, tentando responder à pergunta: Como a escritora argentina, Aniko Villalba, a partir da sua obra, *Días de viaje* (2013), propõe uma expressão feminina do deslocamento capaz de gerar uma nova possibilidade de olhar para a (re)construção identitária da mulher que viaja sozinha?

Outro ponto relevante para esta pesquisa diz respeito à seguinte hipótese: consideramos que os novos elementos socioculturais encontrados nos locais de destino podem conduzir a uma alteração de determinadas práticas pessoais e/ou ressignificá-las. Aliás, admitimos que interagir com outros, de alguma forma, faz com que as ações, as condutas e os pensamentos se moldem a partir dessa interação, como veremos mais adiante. Por esse motivo, acreditamos na possível (re)construção da

<sup>3</sup> “Es cambiar de realidad, abrir la mente, conocer, ir en busca de, encontrar, extra ambientarse, mirarse bien de lejos, mirarse bien de cerca, caminar, correr, navegar, flotar, volar, subir, caer, odiar, amar, llorar, romper, reconstruir, armar y desarmar, escribir, leer, conectarse con, conectarse a, llegar, no llegar, desear nunca llegar, desear nunca volver”.

identidade dessa viajera na e pela viagem, proporcionada, principalmente, pelo autoconhecimento. Inclusive, a esse respeito, a autora expõe que “todos me perguntam o mesmo: o motivo da minha viagem. [...] viajo para conhecer o ser humano, para conhecer-me a mim mesma” (Villalba, 2013, p. 45, tradução nossa<sup>4</sup>).

Para fazermos o entrelaçamento entre os conceitos que perpassam o estudo proposto, pretendemos efetivar não apenas a (re)leitura crítica da obra Días de viaje (2013) e possíveis estudos existentes relacionados a ela, mas buscar ancoragem em conceitos desenvolvidos por teóricos e/ou críticos literários que nos permitem, na sociedade contemporânea, dar um novo enfoque à construção identitária da mulher que viaja sozinha, como Hall (2003), Lobo (1996), Pimentel (2001), Zolin (2009), entre outros, para que haja um melhor entendimento sobre os temas abordados nesta pesquisa.

### **Conexões: aproximação teórico-analítica**

A respeito das narrativas de viagem, Thaís Velloso Cougo Pimentel (2001, p. 101) discorre que:

Estes relatos, comumente tratados como textos literários, fornecem material abundante para os estudos da literatura [...] Há quem escreva para o seu próprio prazer, porque só assim acredita aproveitar a experiência na sua totalidade. Há também aqueles que escrevem na tentativa de deixar um registro que seja útil para outros. Seja para guardar melhor as imagens e impressões colhidas. Seja para transmitir experiências, a verdade é que o viajante que registra a sua viagem produz um documento original, onde além da viagem se pode conhecer também o próprio viajante.

Seguindo por essa senda, acreditamos que ocorre uma produção de novas identidades para a mulher, porque as viagens contribuem para um enriquecimento interno. Por consequência, através da mobilidade ela é capaz de promover um encontro consigo mesma. Podemos, ainda, acrescentar que os discursos da literatura de viagem contemporânea, segundo Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes Cunha (2012, p. 155-156):

---

<sup>4</sup> “Todos me preguntan lo mismo: el motivo de mi viaje. [...] viajo para conocer otras culturas, para conocer al ser humano, para conocerme a mí misma”.

[...] remetem a uma dimensão intimista, o posicionamento privilegiado do eu viajante, que, de uma maneira geral, coincide com o eu que relata a viagem, determina o tom, por vezes, irregular, dos relatos – ou plural, em razão dos diferentes registros utilizados e dos tempos diferentes que correspondem à dupla experiência da viagem e da escrita –, pois o narrador, se molda o seu discurso às especificidades do gênero, tem que contar com a memória, que disporá a matéria narrativa numa sequência organizada, tendencialmente linear, porquanto segue a cronologia dos acontecimentos.

Nesse sentido, consideramos que nos textos da obra que compõe o escopo desta pesquisa, – inseridos no gênero dos relatos de viagem, mais especificamente sob a forma de crônicas –, a autora aproveita o *locus* enunciativo para falar de si mesma. Aniko faz uma real reflexão de sua vida e o que vemos é “o sujeito da enunciação confundindo-se com o próprio sujeito do enunciado” (Barradas, 1996, p. 33). São relatos que incluem vestígios autobiográficos que transmitem a subjetividade da autora em palavras impressas.

Como percebemos que era muito recorrente nas crônicas de *Días de viaje* (2013) o relato do que a autora aprendeu através de sua mobilidade, decidimos fazer uma varredura nas 343 páginas do livro para detectarmos, quantitativamente, vocábulos que nos remetem ao campo semântico do aprendizado. Encontramos 57 ocorrências de utilização do termo aprender e seus derivados; outras 56 aparições do verbo entender e suas conjugações; também com 56 utilizações, aparece o vocábulo descobrir, conjugado ou não. Além disso, o verbo compreender foi utilizado, juntamente com suas variações, por 12 vezes. Assim, nossa varredura resultou em 181 menções aos possíveis momentos de encontro da autora consigo mesma. Entretanto, haja vista o breve espaço deste artigo, não conseguiremos explorar detalhadamente cada um de nossos achados, por isso, selecionamos, com base em nossa análise crítica, os mais representativos para figurarem na amostra deste estudo.

Diante disso, no livro *Días de viaje* (2013), com base no discurso da autora, vemos seu desejo de se descobrir, de se reinventar e de registrar suas percepções e argumentos sobre o experienciado. Somos apresentados a uma *viajera* que “tem a sensação de construir aprendizados que o [a] remodelam e o [a] fazem reencontrar seu lugar no mundo” (Fois-Braga, 2017, p. 141). Assim sendo, a obra traz relatos cujo argumento narrativo é a experiência do deslocamento, onde a própria autora se torna personagem das histórias, transformando sua obra em um relato de viagem autobiográfico e sob a perspectiva de uma narradora em primeira pessoa, característica que a faz produto da subjetividade autoral. Por isso consideramos que a autora produz relatos que adentram

as profundezas de seu ser, nos quais o primeiro plano é ocupado por si mesma, e demonstra com subjetividade seu trajeto de autoconstrução/autodescoberta.

Em meio ao florescimento da manifestação de sensibilidade nas obras de Aniko, com suas marcas de subjetividade, remetemo-nos a Lúcia Osana Zolin (2009). A autora detecta que a crítica literária tem avançado na mobilização de mapear a literatura de autoria feminina objetivando descrevê-la, conhecer suas marcas e peculiaridades de cada época. Visando ilustrar esse mapeamento, que se dedica a analisar as obras, a autora nos apresenta o trabalho de Elaine Showalter. Esta argumenta que as mulheres escritoras construíram sua própria tradição literária, embora ainda em desenvolvimento, como uma espécie de subcultura da sociedade patriarcal. Seu objetivo, portanto, é investigar de quais maneiras a mulher manifestou e desenvolveu sua autoconsciência na literatura que produziu.

Para tanto, estabelece três diferentes estágios que ilustram os processos evolutivos da relação entre as mulheres escritoras e a sociedade e constituem as três fases dessa subcultura. A primeira fase, denominada “Feminina”, cujo estilo não se diferenciava muito do de escritores de renome, caracteriza um momento de imitação dos modelos, seguindo os padrões vigentes, os masculinos. A segunda fase recebeu o nome de “Feminista” por ser considerada como um momento de protesto e ruptura com os modelos disponíveis e de defesa dos direitos das minorias. A terceira, e última, chamada de “Fêmea”, representaria um momento de busca da identidade e da autodescoberta feminina.

Consideramos que, apesar dos anacronismos mostrados pela contemporaneidade, podemos classificar a obra de Aniko, com toda sua sensibilidade criativa e com sua maneira subjetiva de narrar, como representativa da terceira fase do referido processo, a fase “Fêmea” na terminologia de Showalter.

Ao refletirmos a respeito da identidade feminina, é comum pensarmos nos papéis sociais que são atribuídos à mulher e o que se espera dela: a imobilidade e a execução das tarefas relacionadas ao âmbito do privado, do lar. Assim, inferimos que, com suas mobilidades pelo espaço público, as mulheres impulsionaram novas visões de mundo e passaram a ter o perfil de alguém que busca construir-se a si própria. A esse respeito, Alexandre Panosso Netto (2011, p. 44) discorre que “a viagem tem sido construída como significado de desenvolvimento interior, como uma forma de ampliar a mente, de experimentar o novo, o diferente para enriquecimento próprio”. Inclusive, porque,

inevitavelmente, antes, durante ou depois da viagem, (re)descobrimos características que (re)estruturam nossa identidade. Assim,

Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. [...] Os trajetos dos viajantes coincidem sempre, em segredo, com buscas iniciáticas que põem em jogo a identidade. (Onfray, 2009, p. 75)

E, dialogando com o supracitado, Cunha (2012) considera que os textos produzidos em torno do deslocamento, tanto os relatos baseados na experiência efetiva da viagem quanto na temática da mobilidade, atendem à necessidade existente de pensarmos a prática da viagem como sinal de introspecção e processo de autoconhecimento. Aniko discorre a esse respeito: “[...] não me dediquei tanto a mergulhar na realidade do lugar, mas a mergulhar em meu próprio ser. Minha prioridade, me dou conta agora, fui eu mesma, foi meu autodescobrimento, foi conhecer minhas capacidades e limitações como viajera” (Villalba, 2013, p. 34-35, tradução nossa<sup>5</sup>).

Aliás, tal característica aparece nitidamente em *Días de viaje* (2013). Em vários momentos do texto, detectamos que as maiores experiências expostas nos relatos dizem respeito ao encontro de Aniko consigo mesma, como exemplificam os trechos a seguir: “Tudo eu, eu, eu. É porque minha primeira viagem foi isso: um descobrimento da minha própria pessoa. Fui com o pretexto de conhecer o continente, mas voltei tendo conhecido mais a mim mesma que a qualquer cultura” (Villalba, 2013, p. 34, tradução nossa<sup>6</sup>). Ao viajar sozinha, esse processo de autodescoberta acaba sendo mais intenso, porque, nas palavras da autora:

Ao ir sem companhia não me restou outra opção que conhecer o mundo e falar com estranhos, e isso me permitiu entrar em contato com pessoas que hoje são indispensáveis. Viajar sozinho faz com que não tenhamos nada estável além da nossa própria pessoa: tudo ao nosso redor muda (a comida, a roupa, o idioma, a cultura, a organização, a paisagem) e não nos resta outra opção que nos adaptarmos e descobrir como somos em cada um desses cenários. Não tem nada mais certo que a frase que diz: ‘Se você quer conhecer alguém, viaje com

<sup>5</sup> “[...] no me dediqué tanto a bucear en la realidad del lugar sino a sumergirme en mi propio ser. Mi prioridad, me doy cuenta ahora, fui yo misma, fue mi autodescubrimiento, fue conocer mis capacidades y limitaciones como viajera”.

<sup>6</sup> “Todo yo, yo, yo. Es que mi primer viaje fue eso: un descubrimiento de mi propia persona. Me fui con la excusa de conocer el continente pero volví habiéndome conocido más a mí misma que a cualquier cultura”.

ele'. Eu acrescentaria "E se você quer conhecer a si mesmo, viaje sozinho." (Villalba, 2013, p. 76, tradução nossa<sup>7</sup>)

A esse propósito, Fois-Braga (2017, p. 145) afirma que existe uma percepção "de que a viagem é motivada pelo prazer da autodescoberta e que no final do processo há o encontro do viajante com uma versão melhorada de si mesmo". Algo muito explícito no texto de Aniko em *Días de viaje* (2013) e que pode ser corroborado pelo seguinte trecho:

[...] quando o comparo com a minha situação atual, me dou conta do quanto era inexperiente. Quando penso na América Latina, sinto que a que viajou foi outra: uma Aniko principiante, uma Aniko ingênuia. Com isso não quero dizer que agora seja uma especialista – espero não ser nunca –, mas nestes cinco anos cresci e fui evoluindo na minha maneira de viajar. (Villalba, 2013, p. 33-34, tradução nossa<sup>8</sup>)

Inclusive, ao regressar a Buenos Aires, seu ponto de partida, percebemos uma demonstração de Aniko de que sua "versão" que estava voltando para casa havia sofrido alguma mudança. Villalba (2013, p. 209, tradução nossa<sup>9</sup>) afirma que "a que se sentia diferente era eu: estava estreando um par de olhos novos na mesma cidade que acreditava conhecer da vida inteira". Assim, confronta seu olhar prévio com sua nova vivência. "O momento é outro, o que significa que o sujeito também é outro, pois muito já se terá acrescentado à sua experiência de vida [...]" (Pimentel, 2001, p. 89). E, nesse sentido, a escritora percebeu que retornando ao local, em um novo contexto, algumas coisas já não faziam tanto sentido, porque o lugar era o mesmo, mas ela não, já os encarava sob outra óptica.

Em *Días de viaje* (2013) também encontramos, explicitamente, uma marca de evolução da viajera, demonstrada pela seguinte passagem: "Um livro me ensinou que não temos que julgar o nosso eu do passado, mas, às vezes, não posso evitar ver com ternura à Aniko que recém começava. [...] Se hoje repetisse aquela viagem, seguramente

<sup>7</sup> "Al ir sin compañía no me quedó otra opción que darme a conocer al mundo y hablar con extraños, y eso me permitió entrar en contacto con personas que hoy son indispensables. Viajar en solitario hace que no tengamos nada estable más que nuestra propia persona: todo a nuestro alrededor cambia (la comida, la ropa, el idioma, la cultura, la organización, el paisaje) y no nos queda otra que adaptarnos y descubrir cómo somos en cada uno de esos escenarios. No hay nada más cierto que la frase que dice: 'Si querés conocer a alguien, viajá con él'. Yo agregaría: 'Y si querés conocerte a vos mismo, viajá solo'".

<sup>8</sup> "[...] cuando lo comparo con mi situación actual, me doy cuenta de lo inexperta que era. Cuando pienso en América Latina siento que la que viajó fue otra: una Aniko principiante, una Aniko ingenua. Con esto no quiero decir que ahora sea una experta —espero no serlo nunca—, pero en estos cinco años crecí y fui evolucionando en mi manera de viajar".

<sup>9</sup> "La que se sentía distinta era yo: estaba estrenando un par de ojos nuevos en la misma ciudad que creía conocer de toda la vida".

veria as coisas de outra maneira e atuaria de outra forma” (Villalba, 2013, p. 49, tradução nossa<sup>10</sup>).

Por essa razão afirmamos que, muito além de paisagens e costumes sendo descritos, também observamos a vida se expandir. Depreendemos que os relatos de Aniko são relatos de profundezas, de construção de si, já que ela afirma que “[...] foi, mais que uma viagem pelo continente, uma viagem de descobrimento pelos caminhos do meu próprio ser [...]” (Villalba, 2013, p. 60, tradução nossa<sup>11</sup>). Assim, ela constrói um eixo central, que é o olhar da autodescoberta, de como sua identidade vai se construindo ao longo das viagens.

No que concerne à essa questão da identidade, apoiamo-nos nas postulações do teórico cultural Stuart Hall (2003) para pensarmos a respeito da forma como a noção de identidade e os sujeitos pós-modernos são conceptualizados. Segundo o autor, é possível distinguirmos três concepções de identidade relacionadas às visões do sujeito ao longo da história.

A primeira, “identidade do sujeito do iluminismo”, trazia uma visão individualista do sujeito, concebendo a “[...] pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia [...]” (Hall, 2003, p. 10) e permanecia inalterado ao longo de toda a sua existência.

Já a segunda, “identidade do sujeito sociológico”, considerava a “[...] complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’ [...]” (Hall, 2003, p. 11). O autor defende que, nessa concepção sociológica do sujeito, é por meio da interação entre o eu e a sociedade que se forma a identidade. Apesar de o “núcleo interior” ainda existir, ele passa a ser formado e modificado em consequência do contínuo diálogo entre o mundo público (exterior) e o mundo pessoal (interior).

Na última, “identidade do sujeito pós-moderno”, o autor argumenta que, uma vez que o sujeito, que anteriormente possuía uma identidade unificada e estável, passou a

<sup>10</sup> “Un libro me enseñó que no tenemos que juzgar a nuestro yo del pasado, pero a veces no puedo evitar ver con ternura a la Aniko que recién empezaba. [...] Si hoy repitiera aquel viaje seguramente vería las cosas de otra manera y actuaría de otra forma”.

<sup>11</sup> “[...] fue, más que un viaje por el continente, un viaje de descubrimiento por los caminos de mi propio ser [...]”.

ser composto de várias identidades, “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2003, p. 12). Assim, o autor concebe o sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Em outros termos, as identidades não são unificadas em torno do “núcleo interior”, o sujeito passa a assumir identidades diferentes de acordo com o momento.

Não podemos deixar de considerar que é na interação social com o mundo público, em outros termos, com os locais e com os povos visitados – de acordo com a concepção sociológica do sujeito – que se forja a subjetividade, a identidade cultural e a obra de Aniko Villalba.

Entretanto, acreditamos que as reflexões propostas no presente artigo demonstram que a *viajera solo*, no corpus selecionado, representa o movimento do sujeito pós-moderno e traça um novo perfil de viajante que procura vivenciar a viagem ao seu próprio modo e tempo, buscando experiências que fogem da rotina cotidiana e, desse modo, a (re)construção identitária da mulher que viaja sozinha, que, em consonância com o exposto por Hall (2003), avaliamos estar em um processo contínuo de (trans)formação.

Dando continuidade, podemos afirmar que ao promovermos a aproximação com uma obra, vemos que além do texto propriamente dito, o livro tem os “paratextos”, termo cunhado por Gérard Genette (2010) para se referir aos elementos de mediação entre o livro e o leitor e que podem compartilhar uma informação, uma intenção, ou, até mesmo, uma interpretação de algo. Por isso, neste momento, nossa mirada será especificamente para os paratextos (e.g. as ilustrações, o prólogo, o epílogo, as epígrafes...), isto é, os elementos verbais e não verbais que apresentam o livro ao leitor, porque entendemos que tais paratextos contribuem sobremaneira para a construção de sentidos em nossa análise e para que possamos nos dedicar ao maior número possível de eixos de interpretação da performance da escritora.

A obra vem precedida por duas dedicatórias. Na primeira, Aniko homenageia Dimas, seu pai, quem a ensinou a ler e a escrever quando tinha quatro anos, conforme nos é informado no decorrer da narrativa; e, na segunda, refere-se a Aniko, quem lhe dá a inspiração para dedicar cada dia de sua vida ao que lhe faz feliz. Daí surge um questionamento: O que significa dedicar sua obra a si própria? Dedicar a si mesma, em terceira pessoa, poderia ser um deslocar-se de si como culminância dessas viagens

transformadoras. Ou seja, outra Aniko resultaria do processo de (re)construção de sua identidade individual. Porém, aprofundamos nossa busca e, por meio de outras fontes, verificamos que sua mãe também se chama Aniko, mas esta vinculação do nome à mãe não está explicitada na dedicatória, fato que nos possibilita promover uma interpretação dúbia: pode ser ela, mas também pode ser a mãe.

Também antecedem as crônicas três epígrafes nas quais a autora promove uma conexão com o universo da viagem. O primeiro, e que interessa ao escopo deste estudo, é o português Fernando Pessoa, escritor que, por meio da utilização de heterônimos, divide-se em diversos “eus” poéticos, dissociando-os do autor empírico. Percebemos que Aniko também cria uma estratégia de desprendimento da persona poética quando, ao longo do livro, coloca seu próprio nome no texto usando a terceira pessoa. Tal fato, inclusive, remete-nos ao sujeito pós-moderno que nos foi apresentado por Hall (2003), aquele sujeito que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Antes de cada crônica, a autora escolheu inserir, como elemento de apoio, logo abaixo do título, uma fotografia de seu arquivo pessoal para ilustrar o local visitado. Algo que nos chamou a atenção foi o fato de as fotos retratarem os lugares e/ou as pessoas do local de chegada, e em nenhum momento verificarmos a presença da própria Aniko nas imagens: é sempre sua câmera focada no outro, no mundo. As imagens de prédios e monumentos também ficaram em segundo plano, isso porque, aparentemente, a paisagem humana despertou maior interesse. Seus relatos são, preferencialmente, reflexivos/introspectivos. Ela narra os fatos inserindo ponderações sobre si mesma, sobre o processo de autoconhecimento e de construção de identidade oriundos dos deslocamentos, mas também há um olhar muito forte para o outro, a alteridade anfitriã. Então, acreditamos que isto demonstraria a vontade da autora de elaborar relatos focados não somente em si, mas também em sua relação com a alteridade.

### **Chegada: considerações finais**

O espaço da escrita feminina rompe os limites do universo patriarcal e constitui uma viagem na qual se percorrem vários espaços rumo ao autoconhecimento. Desde que as mulheres passaram a enunciar suas experiências no campo literário, o debate em torno da autoria feminina tem ganhado forma como parte de uma resistência ao cânone da literatura masculina dominante. Buscamos demonstrar a importância da literatura de

autoria feminina no contexto contemporâneo para a desconstrução de toda uma tradição cultural estereotipada, porque a partir da leitura de obras escritas por mulheres são ouvidas vozes que até então eram esquecidas ou silenciadas, mas que nunca estiveram ausentes na história. E, dentre os diversos temas dos quais as mulheres desejam se apropriar, para assim lançarem seus olhares, está a própria Literatura de Viagem, até então constituída como domínio do relato masculino ao reafirmar o binômio de que elas devem ficar em casa e eles têm o direito de ir para rua e para mundo. Trata-se de deixar os problemas para trás, ver o mundo com seus próprios olhos, aprender novas coisas, e talvez o mais importante, conhecer a si mesma.

Concluímos que os relatos de *Días de viaje* (2013) são, preferencialmente, reflexivos. A escritora narra os fatos inserindo ponderações sobre si mesma, sobre o processo de autoconhecimento e de construção de identidade oriundos dos deslocamentos. Também há um olhar muito forte para o outro, a alteridade anfitriã. De modo geral, são relatos introspectivos e essa é uma característica que distancia seu texto do arquétipo dos relatos masculinos/tradicionais/descriptivos.

Por fim, entendemos que o resultado é a criação de outra imagem da realidade, agora captada com olhos de mulher e formada com discurso feminino. Enquanto escritora, essa mulher atua como sujeito social e os estereótipos femininos também sofrem mudanças. É tecido um corpo e o sujeito é (trans)formado, deixa de ser um objeto à margem e passa a ser representado. Nessas produções são construídas, literariamente, novas identidades femininas.

## Referências

- BARRADAS, Olivia Gomes. O feminino na literatura. **Carmina**: revista semestral de cultura. Linguagem no feminino. Rio de Janeiro: ano 8, p. 31-37, 1996/1997.
- CORTÉS, Nuria. **Mujer, viajera e independiente**. 11 abril 2007. Disponível em: <http://viajar.elperiodico.com/viajeros/mujer-viajera-e-independiente>. Acesso em: 11 out. 2020.
- CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens. **Caracol**: Dossiê Literatura de Viagens. São Paulo, n.3 p. 152-174. jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/57686>. Acesso em: 07 abr. 2018.
- FOIS-BRAGA, Humberto. **ROMANCES DE VIAGEM**: Políticas e poéticas da mobilidade contemporânea na coleção literária Amores Expressos. 473 f. Tese (Doutorado) - Curso

de Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução Cibele Braga, Erika Viviane Costa Vieira, Luciene Guimarães, Maria Antônia Ramos Coutinho, Mariana Mendes Arruda e Miriam Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

LOBO, Luiza. Novo milênio e reconstrução do cânone: literatura latino-americana de autoria feminina. **Carmina**: revista semestral de cultura. Linguagem no feminino. Rio de Janeiro: ano 8, p. 96-107, 1996/1997.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Experiência e turismo**: uma união possível. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília (org.). Turismo de experiência. São Paulo: Ed. Senac, 2011. p. 43-98.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. **Varia história**. Belo Horizonte, n. 25, p. 81-120. jul. 2001.

VILLALBA, Aniko. **Días de viaje**: Relatos en primera persona. Buenos Aires: Edição do autor, 2013.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduen, 2009. p. 327-336.

**Data de submissão: 30/10/2024**  
**Data de aceite: 05/09/2025**